Vol. X, N.º 19 — pp. 325-334 10-V-1952

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

REDESCOBRIMENTO DE *MITU MITU* (LINNÉ) NO NORDESTE DO BRASIL (EST. DE ALAGOAS)

PROVADA A INDEPENDÊNCIA DE *MITU TUBEROSUS* (SPIX) COMO ESPÉCIE ÀPARTE

por

OLIVERIO M. DE O. PINTO

I

— GENERALIDADES —

Dos frutos advindos da recente excursão zoológica que fizemos em Alagoas entre setembro e novembro de 1951, nenhum será mais interessante e inesperado do que a verificação da presença de um representante do gênero *Mitu* nas consideráveis reservas de mata que fazem atualmente do Estado em questão, entre os do nordeste extremo, o melhor aquinhoado sob êste ponto de vista. Com efeito, desde a era remota da ocupação holandeza, quando Marcgrave, antes de qualquer outro, teve ocasião de descrever uma espécie com aquele nome indígena em sua celebrada *Historia Naturalis Brasiliae,* nunca mais se teve notícia certa, ao que sabemos, da existência de semelhante galináceo naquele recanto do Brasil. É fácil assim imaginar o agradável da surprêsa que tivemos quando, na manhã do dia 5 de outubro, ao voltar da batida diária aos arredores do acampamento à beira das grandes matas do município de São Miguel dos Campos, deparamos com um magnífico exemplar da espécie marcgraviana, abatido momentos antes pelo nosso caçador contratado.

Ao manusear o espécime, que à preparação se verificou ser uma ♀ em excelentes condições de desenvolvimento e plumagem, a primeira impressão foi a de que se tratasse da espécie amazônica



hoje universalmente conhecida pela denominação lineana de *Mitu mitu*, pela qual se atesta a geral convicção de ser ela a mesma ave registrada no nordeste do Brasil em começos do século XVII. Mais tarde, examinando-o mais detidamente, verificávamos que assim incidíamos mais uma vez no duplo êrro cometido em nossos comentários à edição brasileira do livro de Marcgrave (1), quando sob o falso argumento de que a espécie "circunscreve-se atualmente à Amazonia, nenhum explorador a havendo encontrado, que nos conste, fora d'ali", aventuramos a possibilidade de haverem de lá procedido o exemplar, ou os exemplares, utilizados por aquele naturalista em sua descrição de "Mitu vel Mutu Brasiliensibus". Êrro não sómente nosso, como de quantos têm tratado do assunto, entre eles C. E. Hellmayr, que não só considerava também fora de dúvida a identidade da ave amazonica com a nordestina, mas ainda da mais alta probabilidade a origem amazonense da ave descrita por Marcgrave (2).

Com efeito, estas suposições foram postas por terra pela comparação da ♀ de Alagoas com a série numerosa de exemplares amazônicos rotulados como *"Mitu mitu"* nas coleções do Departamento de Zoologia, e a imediata verificação de tratar-se de duas espécies evidentemente distintas, embora muito de perto aparentadas.

Cingindo-nos, como de praxe, aos caracteres externos, vamos desde logo sumariar em quadro comparativo os pontos capitais em que a ave nordestina difere da congênere amazônica com que vinha sendo invariàvelmente confundida. Antes, porém, de entrarmos nessa diagnose das duas espécies em questão, convém que lhes fixemos desde logo a nomenclatura, restituindo à primeira a denominação lineana de *Mitu mitu*, que privativamente lhe cabe (1), e revivendo para a última a feliz denominação proposta por Spix, ao batisar como *Crax tuberosa* (2) os exemplares que obtivera no Rio Solimões.

---

(1) Vide Olivério Pinto, nos comentários à parte ornitológica da obra de G. Marcgrave na *"História Natural do Brasil"* (edição brasileira publ. em 1942 sob os auspícios do Museu Paulista). Comentários, pg. LXVII, n.º 514. Destes Comentários há reimpressão mandada fazer pelo Dept. de Zoologia da Secret. da Agricultura de São Paulo, em 1946.

(2) G. E. Hellmayr, *Revision der Spix'schen Typen*, em Abhandl. der K. Bayer Akad. der Wiss., II Kl., XXII, Bd., III abt., pg. 688 (1906).

(1) Como é unânimemente reconhecido e aceito, "Mitu seu Mutu" de Marcgrave é a base exclusiva de *Crax Mitu* Linné, 1766 (*Systema Naturae*, ed. 12.ª, tomo I, pg. 270); Willughby e Ray, citados pelo naturalista sueco, só conheceram também a ave através de Marcgrave.

(2) *Crax tuberosa* Spix, 1825, *Av. Nov. Bras.*, II. pg. 51, tab. LXVII *a*: "Habitat in sylvis flumen Solimoëns".



Estampa 1
Mitu mitu (Linné). Cabeça, vista de cima e de perfil.

SciELO

Papéis Avulsos
Vol. X, N.º 19 (1952)



Estampa II

Mitu tuberosus (Spix). Cabeça, vista de cima e de perfil

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15

II

CARACTERES DIAGNÓSTICOS ENTRE *MITU MITU* (LINNÉ) E *MITU TUBEROSUS* (Spix)

Mitu mitu (Linné)

1) Rectrizes centrais pretas até a extremidade, com indícios de um debrum ruivo-esbranquiçado na orla terminal.
2) Rectrizes laterais com a extremidade branco-sujo, ou arruivascada, e mal delimitada com o preto da porção restante das ditas.
3) Bico de tamanho moderado, com a maxila relativamente pouco elevada, de cúlmen cortante, e comprimida lateralmente em toda a sua extensão.
4) Baixo abdomen de colorido ferrugíneo claro passando a canela nas coberteiras infracaudais.
5) Penas pretas do lado inferior do corpo, coberteiras superiores da cauda (também, embora muito menos distintamente, todas as penas do lado dorsal, rêmiges inclusive), com as bordas mais ou menos foscas, pardo-arruivadas.
6) Pescoço preto, com esbôço (pelo menos no exemplar em estudo) de uma nódoa ferruginosa na porção mais baixa da garganta.
7) Porte mais reduzido do que o da espécie amazônica (vide a tabela de medidas).
8) Topete (a julgar pelo exemplar único, uma ♀) reduzido, assim no tamanho, como no número de penas, embora perfeitamente caracterizado.

Mitu tuberosus (Spix)

1) Rectrizes centrais com grande faixa terminal de colorido branco puro, como as laterais (em que todavia a largura da faixa diminue gradativamente, atingindo ao mínimo nas externas).
2) O branco da extremidade das rectrizes é bem delimitado, fazendo vivo contraste com o preto, embora, às vezes, com interposição de uma zona arruivascada.
3) Bico maior, com a maxila muito mais elevada, e entumecida na base em forma de tuberosidade mais ou menos desenvolvida, conforme o sexo (maior nos ♂♂) e idade.
4) Baixo abdomen, coberteiras infracaudais e adjacente porção das tíbias, de colorido castanho intenso, tirante a chocolate.

5) Penas tanto do lado dorsal como ventral, inclusive as coberteiras superiores da cauda e as rectrizes, pretas, lustradas de azul-ferrete intenso, sem qualquer tonalidade diferente na orla.
6) Pescoço negro, sem mancha e nem brilho.
7) Porte sensivelmente mais avantajado em todas as proporções do que em *Mitu mitu*.

III

DIFERENÇA DE TAMANHO ENTRE A ESPÉCIE NORDESTINA E SUA SIMILAR AMAZÔNICA

A diferença de tamanho entre a espécie nordestina e a amazonense ressalta do seguinte quadro em que, pondo de parte os ♂♂ (não diferentes, aliás), se comparam as medidas (em milímetros, pelo compasso) da ♀ de Alagoas com 4 exemplares adultos da bacia amazônica, pertencentes ao mesmo sexo:

	asa	cauda	cúlmen
São Miguel dos Campos (Alagoas)	365	337	52
Foz do Rio Curuá (marg. direita do baixo Amazonas	409	355	66
Idem	379	337	58
Piquiatuba (marg. direita do rio Tapajós) ...	392	332	63
"Amazonia" (viveu em cativeiro)	395	345	—

IV

REFLEXÕES CRÍTICAS SÔBRE A DESCRIÇÃO DE MARCGRAVE

Conhecidas as características da espécie nordeste-brasileira, vale a pena analisar, em seus pontos principais, a descrição original de "Mitu" na obra de Marcgrave. Isso nos dá a confirmação plena de ter esse velho autor se ocupado da mesma ave redescoberta agora nas matas de Alagoas, fazendo ao mesmo tempo desaparecer as lacunas e obscuridades que se era levado a atribuir à mencionada descrição, no errôneo pressuposto de que ela deveria também caber à espécie amazônica, descoberta dois séculos depois.

Esclarece-se em primeiro lugar o motivo pelo qual Marcgrave nada diz sôbre as extremidades brancas das rectrizes, caráter conspícuo em *M. tuberosus*, mas que em *M. mitu* não se impõe ao observador, e é de todo imperceptível a quem contemple a ave de costas, ou em decúbito ventral. Para explicar essa pretensa omissão, auto-

res como Hellmayr & Conover (1), depois de A. Schneider (2), chegaram a aventar a possibilidade de haver Marcgrave se defrontado com um exemplar da espécie amazônica mantido em cativeiro, e com a ponta da cauda destruida em consequência disso.

Também muito mal caberia ao bico da espécie de Spix o que a respeito do da sua refere Marcgrave, descrevendo-o como não grosso ("insigne, non crassum") e silenciando sôbre a tuberosidade basal que, se existisse, seguramente seria referida.

Dando ao baixo ventre de "Mitu" cor parda, quase como a da perdiz ("ventre & sub ano, ubi brunnis coloris est, fere ut perdix"), é também claro tenha tido o velho naturalista debaixo dos olhos o mutum nordestino, porquanto na ave amazônica aquela parte da plumagem se apresenta muito mais carregada na cor, que é acastanhada ou chocolate, em vez de ferruginosa como na ave européia usada para comparação.

A descrição do topete abre margem a análoga reflexão; o que nos diz Marcgrave das penas pretas superpostas e deitadas, de modo a não serem quase notadas por quem ignore a sua existência ("in summo capite habet penas nigras complicatas in plamissimam quase mitellam, ut nesciens vix possit agnoscere"), tanto quanto nos é dado observar, aplica-se muito melhor a *Mitu mitu* do que a *M. tuberosus.*

V

REFERÊNCIAS E DADOS EXATOS SÔBRE *MITU MITU* ENCONTRADOS EM H. BURMEISTER

Dissemos, no início, que depois de Marcgrave nunca mais houve na literatura científica notícia certa da presença no nordeste brasileiro de qualquer representante selvagem do gênero *Mitu*. Isso não implica o esquecimento de que, por singular exceção, H. Burmeister, em seu conhecido e precioso apanhado sistemático dos animais do Brasil (3), sob as denominações de *Urax tuberosa* e *Urax mitu*, reconhecera não só a dualidade das espécies agora em discussão, mas ainda acrescentara às características da ave nordestina

(1) Hellmayr & Conover, *Catologue of Birds of the Americas* (Field Museum of Nat. Hist., Zool. Ser., vol. XIII), pte. I, n.º 1, pg. 115, nota 2 (1942).

(2) Ad Schneider, *Die Vogelbiler des George Marcgrave*, em Journal für Ornithologie, vol. 86, pg. 99 (1938). São interessantes os termos com que êste autor se externa a respeito: "Es könnte angenommen werden, dass beim Grafen Moritz gefangen gehalten Exemplar die Schwanzfedern stark abgenützt hatte, sonst bliebe der Fehler unverständlich".

(3) Hermann Burmeister, *Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens*, vol. III, Vögel, pgs. 348 e 349 (1856).

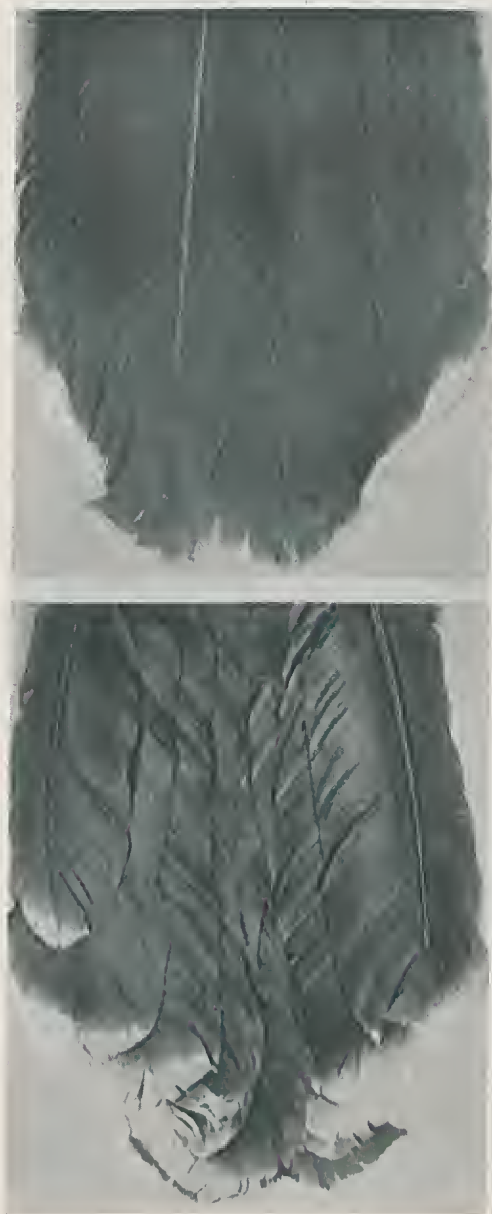
pormenores descritivos e zoogeográficos que nos induzem fortemente à suposição de que dela houvesse tido em mãos exemplar autêntico, quiçá imaturo. Pelo menos, são peculiaridades da ave alagoana o culmen em aresta cortante ("Schnabel und Beine korallroth, ersterer mit scharfkantiger hoher Firste") e o comprimento relativamente pequeno das penas da crista ("Gefieder des Oberkopfes aufgerichtet, wenig verlängert"), umas e outras difíceis de extrair do texto marcgraviano, embora por êle não contrariadas.

Entretanto, não é possível dizer-se até que ponto vai no livro de Burmeister o conhecimento direto do assunto, posto que parece não ter sabido também fugir à confusão com a espécie oeste-septentrional, quando, com base ao que parece na literatura ornitológica de então, estende ao baixo Amazonas a área de dispersão de *Mitu mitu*. Abstraída essa circunstância, é muito digno de consideração o que mais informa aquele zoólogo a respeito da distribuição geográfica da espécie nordestina, dando-a como presente não só em Pernambuco, mas ainda no norte da Bahia. De feito, embora não saibamos se baseada em fatos, ou fruto de simples conjectura, coincide ela com o que de mais verossímil é lícito pensar sôbre a antiga área ocupada pela espécie em discussão.

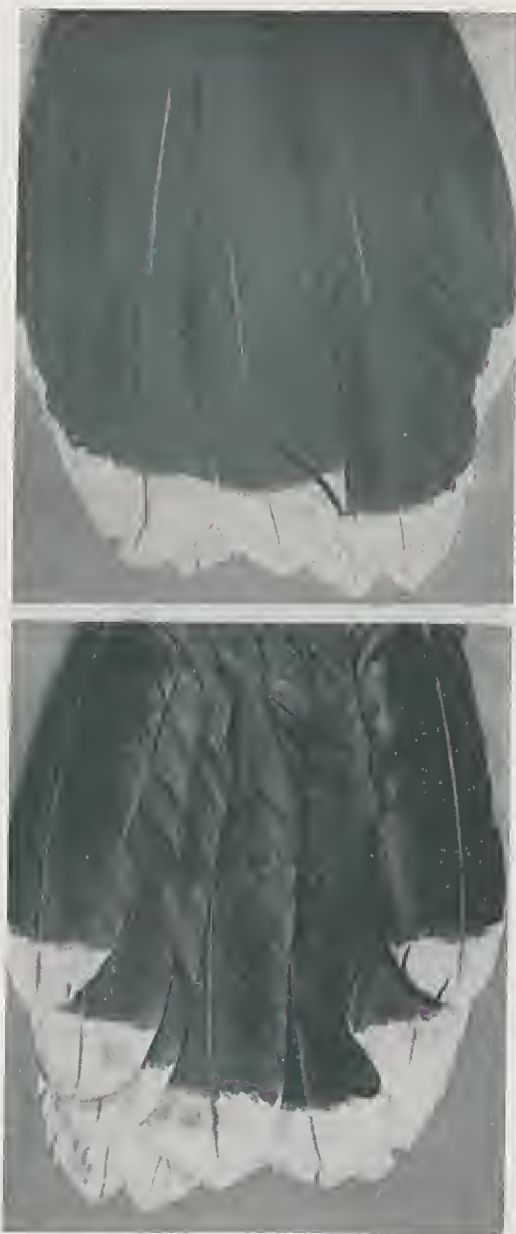
VI

CIRCUNSTÂNCIAS EM QUE FOI OBTIDO O EXEMPLAR DE ALAGOAS

Graças à colaboração de um "caboclo" de nome José Pedro, por nós contratado ao instalar acampamento na região de São Miguel, é que nos foi dado conseguir o exemplar que serve de base ao presente trabalho. Na manhã de 5 de outubro (1951), tomara êle muito cedo a espingarda, internando-se na mata, com a esperança de conseguir afinal o macuco que tanto desejavamos possuir e nunca deixavamos de recomendar à sua atenção especial. Assim foi que, a alguns quilômetros da estrada que demanda a barra do Rio São Miguel, onde o planalto florestado descamba em abrupto declive para a baixada adjacente ao litoral, avistou êle na meia luz da picada o vulto escuro do grande galináceo, abatido sem maior dificuldade. O chão estava a toda volta juncado dos frutos de uma grande árvore conhecida na região com o nome de "castelo", os quais, segundo nos informou, são muito procurados por uma quantidade de animais de pêlo e pena, como veados, pacas, cotias, mutuns, macucos, inambús, jacús, pararis e tucanos. Reconhecendo um mutum na peça recém-abatida, surpreendeu-se todavia o nosso ca-



Estampa III
Mitu mitu (Linné). Cauda, vista de cima
(lado dorsal) e de baixo (lado ventral).



Estampa IV

Mitu tuberosus (Spix). Cauda, vista dorsal e ventral.

SciELO

çador ao verificar ser êle muito diferente dos que já havia matado em sua longa carreira de batedor de matas, o que faz supôr viva ainda na zona uma espécie do gênero *Crax*, conforme o velho testemunho de Marcgrave.

Ao preparar o exemplar, verificou-se a completa repleção, não só do estômago, mas da própria guela, pelos frutinhos em questão, os quais têm forma quadrilobada, colorido azul violáceo, e brilham quase como madrepérola. Tentativas que a princípio fizemos para determinar essa espécie botânica foram infelizmente infrutíferas, nenhuma referência à palavra "castelo", como nome de planta, se encontrando nos dicionários especializados, obras gerais e relatórios florísticos que nos foi dado consultar. Entretanto, tendo feito examinar um dos frutos por nós trazidos pelo sr. Moisés Kuhlmann, competente fitologista do Instituto de Botânica de São Paulo, foi verificada a sua exata semelhança com os de *Phyllanthus nobilis* Mueller, árvore grande (família *Euphorbiaceae*) largamente distribuida nas matas do Brasil septentrional e oriental, também encontradiça em São Paulo, onde gosa de várias denominações populares, tais como "moranguinha", "pérola vegetal", "catuaba", "salta cavaco", quase todas ouvidas pelo mencionado botânico na região de Amparo (1). Em qualquer hipótese, o "castelo" dos alagoanos é também, como pudemos verificar, árvore de agigantado porte e bastante comum nas matas que nos coube visitar.

VII

IMPORTÂNCIA ZOOGEOGRÁFICA DA EXISTÊNCIA DE *MITU* NO NORDESTE BRASILEIRO

Do ponto de vista da zoogeografia, é grande o interesse que se prende à confirmação da presença de uma espécie do gênero *Mitu* no nordeste brasileiro. Basta considerar que a relutância em admitir o fato há trezentos anos registrado por Marcgrave vinha, ao que parece, mais da convicção de tratar-se de um grupo confinado à região oeste-septentrional da América do Sul abrangida pela Hiléia, do que própriamente da falta de verificação ulterior da ocorrência no nordeste de um seu representante.

Temos novo argumento em favor da primitiva continuidade da selva amazonense com as matas do litoral nordeste-brasileiro, continuidade essa interrompida desde os primeiros séculos conse-

(1) Cf. M. Kuhlmann, *A flora do distrito de Ibiti* (atual Monte Alegre, município de Amparo), pgs. 84 e 164, Publicação do Instituto de Botânica, série B, (São Paulo, 1947).

cutivos à ocupação da zona pelos portugueses e, transitóriamente, pelos batavos. Tal ligação deveria ser provàvelmente estabelecida através da faixa litorânea, onde nos dias de hoje ainda repontam alguns resíduos da imponente vestimenta vegetal dos primeiros tempos. As matas remanescentes do leste pernambucano e, especialmente, as de Alagoas, fazem parte dêste conjunto, abrigando em seu seio muitas formas que a devastação completa das matas do Estado de Sergipe e norte da Bahia veio impedir que se estendam mais para o sul. Algumas espécies ornitológicas de idêntica origem, como *Amazona farinosa* e *Lipaugus vociferans,* reaparecem no sul da Bahia exibindo distribuição discontínua, cuja explicação é evidente. Não estaria porém neste número o gênero *Mitu,* cuja área de dispersão, si dermos crédito a Burmeister, deveria todavia ter atingido o norte do Estado que acabamos de mencionar.

VIII

NOTAS DE CAMPO SÔBRE A OCORRÊNCIA DE *MITU MITU* EM NOSSOS DIAS

Consignamos atraz o espanto que teve o nosso caboclo caçador diante de seu exemplar, valendo isso como prova do quanto deve ser rara nos dias de hoje a espécie há tanto tempo descoberta e depois disso não mais referida por qualquer naturalista ou colecionador.

Sem querer admitir seja o exemplar conseguido por nós o último representante de uma espécie cujo definitivo desaparecimento já estaria marcado pela derrubada iminente das últimas florestas da região em que vive, temos alguns elementos para avaliar a rapidez com que vem ela decaindo nos anos recentes.

A êsse respeito, consignamos em nosso diários de viagem algumas notas que supomos bastante curiosas, porquanto, posto de parte o seu lado pitoresco, justificam a convicção, que já alimentávamos, de viver na região um representante do gênero *Mitu,* antes mesmo que acaso feliz o confirmasse, brindando-nos com um exemplar. Trasladando-as aqui, move-nos o desejo, não tanto de amenizar o assunto, mas de recomendá-lo também às atenções dos amadores, sem cujo concurso é impossível qualquer ação eficaz contra a impiedosa devastação de nosso patrimônio histórico-natural.

Seja-nos, portanto, permitido reproduzir quase textualmente (retificadas apenas as erronias do linguajar plebeu), pelo seu sabor local, um trecho do colóquio que tivemos com dois madeireiros na

manhã de 1 de outubro, quando com êles nos encontrámos, ao acaso de nossas excursões:

"Deixando a derrubada, enveredámos pela trilha, no interior da mata, quase silenciosa. Enquanto andávamos, íamos palestrando:

— Aqui nesta mata ainda existem macucos?

— Ainda há muito, sim senhor. Mas é difícil topar com ela (*macuco* é aqui palavra feminina, como também na Bahia). Há ocasiões de se matar duas num dia, na espera, quando as mangabeiras (certa árvore grande da mata) estão com fruta. Quando eu era menino se matava muito...

— E o mutum?

— Também "tem", mas é ainda mais difícil.

— De que côr é o bico do mutum d'aqui?

— É *encarnado*.

— E na cabeça, não tem o mutum uma crista de penas?

— Não senhor. A *crista é pegada mesmo no bico,* e encarnada também como o bico (1).

— E a barriga, de que côr é?

— É *vermelhaça*. O resto é todo preto".

Não havia dúvida; esta descrição só podia caber, pensámos nós, ao "mutum cavalo", nome de que gosa, como se sabe, na Amazônia, a espécie com que a nordestina viveu sempre confundida.

Mas só nisso não ficaram os informes tomados ao sr. Manoel Senhorinha (alcunha tirada do nome materno). O que mais disse, respondendo às nossas novas interpelações, refere-se à questão importante do rápido declínio da espécie infeliz na região alagoana, com todas as probabilidades seu último reduto da infeliz espécie ornitológica.

— "Você já matou o mutum nestas matas?

— Já matei muitos. Está com três anos que matei o último. Quando eu era menino, minha mãe deu a uma galinha para chocar dois ovos de mutum, achados na mata. Os filhotes nasceram e cresceram. Estavam já grandes (mostrando com a mão a altura que tinha alcançado) quando ela os vendeu..."

Como o meu informante devia se referir evidentemente à mesma espécie, — depreende-se ter sido ela relativamente encontradiça na região de onde nunca saíra.

Quanto ao "Mitu poranga" descrito por Marcgrave como portador de bico amarelo e crista de penas crespas e encaracoladas, dúvida não há de tratar-se de espécie do gênero *Crax,* com toda probabilidade *C. fasciolata.* Devemos ter a esperança de consegui-la ainda na mesma região que acaba de nos dar o outro representante da família; então se saberá se pertence à raça maranhense da espécie (*C. fasciolata pinima*), ou outra, quiçá nova".

(1) Aqui há necessidade de esclarecer. Com efeito, comparado com o topete de penas revôltas do gênero *Crax,* o de *Mitu mitu* talvez não mereça ser considerado como tal. A chamada "crista" do bico alude à forma especial e saliente do culmen.

RÉSUMÉ

Une ♀ authentique de *Mitu mitu* Linné raccolté par l'Auteur au cours d'une récente expédition à l'État d'Alagoas, permet d'établir en définitif la diversité spécifique de l'oiseau amazonien au quel on applique généralemant la susdite appéllation.

En conséquence, le nom linnéen restera desormais privatif de l'espèce dont la première description a été donnée par Georges Marcgraff, dans sa renomée "Historia Naturalis Brasiliae". Du même coup, pour l'espèce amazonienne on doit révivre *Crax tuberosa* Spix, comme étant la plus encienne denomination qui lui soit propre.

Les différences plus importantes présentées par le "Mitu" de Alagoas vis-à-vis de son similaire amazonien sont les suivantes:

a) absence de bande terminale blanche aux rectrices centrales;

b) rectrices latérales avec la pointe blanchâtre (pas blanches comme en *M. tuberosus*) et de hauteur beaucoup moindre que à l'espèce rivale;

c) bec moins gros, à maxille latéralemant comprimée et sans vestige de renflement à sa base;

d) bas abdomen, sous-caudales et jambes d'un marron beaucoup plus clair;

e) dessous (haut abdomen e poitrine) d'un noir moins pur, melé de brun. Base de la gorge teintée de marron (caractère peut'être individuel);

f) taille sensiblement moins gros.